

PSDB teme o 'fantasma' do PMDB

10-11-89

ANDREA DOTI

Noiva desejada de dois casamentos que podem não dar certo, o PSDB vive hoje o dilema de se deixar seduzir por qualquer dos candidatos classificados para o segundo turno e acabar comprometendo a robustez política da legenda com uma decisão que corre o risco de não ser seguida por todo o conjunto do partido. A rondar, desde ontem, os bastidores do PSDB está o fantasma do PMDB, legenda-berço dos "tucanos" que foi abandonada sem economia de críticas ao perfil de "frente". Recorrer à neutralidade, tremulando como nunca a bandeira do parlamentarismo — agora acompanhada da proposta de antecipação do plebiscito sobre sistema de governo, marcado para 1993 — tem sido a saída menos dolorosa avistada pelas lideranças do partido, que se dividem entre atender aos interesses regionais e optar por uma solução eleitoral ou apostar na preservação da sigla para as eleições do próximo ano.

Ontem, um parlamentar da Comissão Executiva do PSDB comentava a angústia do partido, lembrando a via de mãos opostas constituída pela militância da sigla e pelos seus eleitores. A matemática "tucana" já trabalha com um quadro de segundo turno disputado por Fernando Collor de Mello (PRN) e por Luís Inácio Lula da Silva (PT). Antes de averiguar para onde aponta a agulha da bússola partidária, os coordenadores da finada candidatura do Senador Mário Covas concluíram que o escore dos votos do Senador se deverá mais à sua performance do que à representatividade da legenda.

Se a militância do PSDB não esconde o desejo de freqüentar, no segundo turno, os comícios do petista Luís Inácio Lula da Silva, o eleitorado do Senador Mário Covas já não dá mostras do mesmo entusiasmo. Certas de que o fermento da candidatura Covas foi granjeado, na reta final da campanha, mais nos quintais de Paulo Maluf (PDS), Guilherme Afif Domingos (PL) e mesmo de Fernando Collor de Mello (PRN), as lideranças do PSDB atestam a dificuldade de transferir votos para Lula. No outro extremo, está o temor de, apoiando Collor de Mello, integrar um bloco de adesões recheado de forças "conservadoras".

A alternativa mais acalentada, que pode não ser a melhor eleitoralmente, volta-se para uma campanha na direção da antecipação do plebiscito, marcado para 1993. A proposta, que



O Senador "tucano" Mário Covas: com a responsabilidade de tirar o PSDB de uma encruzilhada política

ganharia conotação casuista se partisse de qualquer outro partido, não destoa do programa "tucano", que tem o parlamentarismo como linha-mestra.

— Estaríamos dando ainda a oportunidade de desenvolverem-se negociações que conduzissem o estadista Mário Covas ao posto de Primeiro-Ministro — avaliou a Deputada federal Anna Maria Rattes (RJ).

Nas costas do Senador Mário Covas repousa agora a responsabilidade de guiar o PSDB e de tirá-lo desta encruzilhada política. Covas sabe ser hoje um eleitor em potencial. Um simples aceno na direção de Lula daria o tom da moderação certa buscada pelo PT para atrair, no segundo turno, a desconfiada classe média, o eleitorado do interior e ainda parte do empresariado nacional. A presença de Covas nos palanques de Collor de Mello, por sua vez, imprimiria ao concorrente do PRN as pinceladas de progressismo necessárias para que Lula não venha rotulá-lo de "conservador."

Neste sentido, já estão trabalhando os articuladores do PT e do PRN. O líder de Collor de Mello na Câmara,

Deputado federal Renan Calheiros (AL), trata de estreitar relações com o Senador paulista Fernando Henrique Cardoso, enquanto a economista Zélia Cardoso de Mello, responsável por parte do programa de Governo da legenda, deverá lançar mão de uma antiga amizade com o Deputado federal "tucano" José Serra (SP), para tentar aninhar Covas e Collor na disputa final pela Presidência da República. No front oposto, atua o líder do PT na Câmara, Deputado Plínio de Arruda Sampaio (SP), investindo junto à ala socialista do PSDB, que ameaçou trocar Covas por Lula ainda no primeiro turno, se os percentuais do candidato "tucano" nas pesquisas não comessem a engordar.

O medo do PSDB hoje é ainda o de acabar participando de uma das campanhas e, no caso de vitória, ser afetado pelo desgaste que, acreditam os líderes "tucanos", atacará o futuro Presidente, seja ele quem for, em menos de seis meses de Governo. Esta perspectiva ameaça os planos do partido que, capitalizando os resultados da elegante campanha de Covas, já aposta alto na eleição do ano que vem.